

I Jornadas em Línguas Minoritárias



LIVRO DE RESUMOS



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Ficha técnica

TÍTULO

Livro de Resumos das I Jornadas em Línguas Minoritárias

COORDENADORES

Lurdes de Castro Moutinho, Alberto Gómez Bautista
& Rosa Lúcia Coimbra

DATA

6 de dezembro de 2019

CONTACTOS

myvarialing@gmail.com
<http://www.varialing.eu>

APOIOS

universidade de aveiro  dlc departamento de línguas e culturas

universidade de aveiro  clc centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Este evento foi financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UID/ELT/04188/2019

Índice

Apresentação	4
Comissão organizadora	5
Comissão científica	6
Programa	7
Resumos		
Conferências	9
Comunicações orais	11
Pósteres	23

Apresentação

Realiza-se no dia 6 de dezembro de 2019, no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, as I Jornadas em Línguas Minoritárias, que pretendem aprofundar temáticas relacionadas com a investigação nessas línguas, no âmbito da descrição, prescrição e normalização, com foco em:

- Contacto linguístico
- Influência da língua dominante
- Descrição gramatical
- Estudos fonéticos
- Estudos prosódicos
- Aspectos sociolinguísticos

Os trabalhos incluem conferências, comunicações orais e sessão de pósteres.

Comissão organizadora

Lurdes de Castro Moutinho, Professora Associada, CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Alberto Gómez Bautista, Professor Adjunto Convidado do ISCAL. CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Rosa Lúcia Coimbra, Professora Auxiliar, CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Comissão científica

Helena Rebelo (CLLC/Universidade da Madeira)

Maria Teresa Roberto (CLLC, Universidade de Aveiro)

Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

Maria Victoria Navas (Universidade Complutense de Madrid)

Vera Ferreira (CIDLeS; ELAR, SOAS University of London)

Xosé Luís Regueira, (ILG, Universidade de Santiago de Compostela)

e todos os membros da comissão organizadora

Programa

Programa

Hora	Sessão
9h00-9h15	Entrega de documentação
9h15-9h30	Sessão de abertura
9h30-10h10	Conferência de abertura – Xosé Fernández Regueira, <i>A esfera pública nunha lingua minorizada: contacto, estándar e ideoloxías en Galicia</i>
10h10-10h30	Pausa e sessão de pósteres
10h30-11h30	María Álvarez de la Granja - <i>Análise da flexión verbal en textos de estudantes galegos</i> Miroslav Valeš - <i>La influencia del español en la variación léxica de A Fala</i> Paulo Osório & António Cassange - <i>Português e Kimbundu: história e variação lexical</i>
11h30-12h10	Tamara Flores Pérez - <i>Caracterización sociolingüística de A Fala do val de Xálima</i> Isabel Sofia Calvário Correia, Neuza Alexandra Marcelino Santana, & Rafaela Cota da Silva - <i>Duas línguas e duas interlínguas? Influência do português na Língua de Sinais Portuguesa</i>
12h10-14h30	Almoço
14h30-15h30	Alberto Gómez Bautista - <i>Fonteira política e fronteira lingüística: as variedades lingüísticas leonesas da provincia de Zamora e a sua presenza na língua mirandesa</i> Teresa Simão - <i>O Falar Raiano de Marvão/ Valencia de Alcántara</i> Luís Pinto Salema & Lurdes de Castro Moutinho - <i>Línguas em contacto: alguns contributos do português para a pronúncia do judeu-espanhol dos sefarditas de Tessalónica</i>
15h30-16h10	Emerson Carvalho de Souza & João Veloso - <i>Aspectos do sistema vocálico do Shawã (Pano)</i> Lidia Gómez Martínez - <i>Os falantes funcionais en Galicia: entre a instrumentalización e o cambio lingüístico</i>
16h10-16h20	Pausa
16h20-17h00	Conferência de encerramento – Tabita Fernandes, <i>Contatos lingüísticos na Amazônia brasileira e línguas minoritárias contemporâneas: o caso da língua Tenetehára</i>

Pósteres

Autores	Título
Isabel Sofia Calvário Correia, Rui Pedro Santos de Oliveira & Joana Rita Silva Conde e Sousa	<i>Como dura o tempo. Expressões com valor aspectual em Língua de Sinais Portuguesa</i>
Lurdes de Castro Moutinho & Alberto Gómez Bautista	<i>Acerca da variação prosódica em mirandês</i>
Matthew Stephen Stuckwisch	<i>Corretor ortográfico e córpus lingüístico: matar dois coelhos com uma só cajadada</i>

Resumos Conferências

Xosé Luís Regueira

Instituto da Lingua Galega / Universidade de Santiago de Compostela, España

A esfera pública nunha lingua minorizada: contacto, estándar e ideoloxías en Galicia

A lingua galega é lingua cooficial de Galicia, comunidade autónoma do estado español, e ten unha presenza relevante e mesmo preferente en determinados ámbitos da esfera pública galega. O galego, como se sabe, encóntrase nunha situación de contacto intenso coa lingua española na sociedade galega, o que trae consecuencias para a lingua en todos os niveis. Para alén diso, a maioría dos axentes que configuran a esfera pública e galega participan tamén da esfera pública española, de modo que esa influencia aínda se ve reforzada en grande medida en elementos lingüísticos e discursivos.

Por outro lado, a lingua galega continúa a presentar profundas continuidades coa lingua portuguesa, e na lingua estándar procúrase unha aproximación ao portugués en certos aspectos gramaticais e sobre todo léxicos. Este achegamento é moi acentuado entre sectores minoritarios que defenden unha forma estándar moi próxima ao portugués ou mesmo a adopción do estándar portugués para o galego.

Desta maneira a situación lingüística de Galicia resulta de grande interese para o estudo do contacto de linguas pola súa riqueza e complexidade. Nesta palestra centrarei a atención na acción dos axentes bilingües ou multilingües no proceso de interacción lingüística, e utilizando textos tomados dos medios de comunicación e do discurso político público, tratarei de mostrar como os axentes que protagonizan a esfera pública galega utilizan elementos tomados dos repertorios lingüísticos dispoñibles na sociedade (Matras 2009; Blommaert 2010; Blommaert & Rampton 2011) para configurar identidades sociais (Bucholtz & Hall 2005, 2010), así como para construír ideoloxías políticas e lingüísticas diferenciadas (Bourdieu 1979; Bucholtz & Hall 2007).

Palabras chave: lingua minorizada, galego, contacto de linguas, interacción lingüística.

Tabita Fernandes da Silva

UFPA, Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Brasil

Contatos linguísticos na Amazônia brasileira e línguas minoritárias contemporâneas: o caso da língua Tenetehára

A Amazônia brasileira é amplamente conhecida como um espaço de encontro entre povos, línguas e expressões culturais de matizes diversos. Tanta diversidade vem sendo progressivamente alterada, principalmente, em virtude de processos históricos defraglados na região, tendo, como uma de suas graves consequências, o desaparecimento de várias línguas e a perda iminente de muitas outras que, na condição de línguas minoritárias, encontram-se em situação de ameaça. A partir de uma retrospectiva dos contatos linguísticos ocorridos na Amazônia brasileira desde o início da colonização, no século XVI, e sua estreita relação com a atual configuração das línguas minoritárias existentes na referida região, analisa-se a trajetória da língua Tenetehára, focalizando uma de suas vertentes atuais, o Tembé-Tenetehára, língua falada numa região de fronteira entre os estados do Pará e do Maranhão. As duas vertentes atuais da língua Tenetehára, o Tembé e o Guajajára, pertencem ao subramo IV da família Linguística Tupi-Guaraní. Destacam-se, na análise, as dificuldades para a continuidade de uma língua minoritária em acelerado processo de mudança como a língua Tembé-Tenetehára, frente à presença intensa da língua oficial, o português, no atual contexto de globalização, bem como as estratégias de ensino e transmissão dessa língua indígena, tanto as oferecidas pelo poder público quanto as adotadas pela comunidade como forma de resistência.

Palavras-chave: Contatos linguísticos. Línguas minoritárias contemporâneas. Amazônia brasileira. Língua Tembé-Tenetehára. Língua portuguesa. Ensino e transmissão de língua.

Resumos

Comunicações orais

Alberto Gómez Bautista

CLLC-UA/ISCAL-IPL, Portugal

*Fronteira política e fronteira linguística:
as variedades linguísticas leonesas da província de Zamora
e a sua presença na língua mirandesa*

Desde a publicação dos primeiros estudos sobre o idioma mirandês vários autores têm sublinhado a importância que terá tido o isolamento geográfico dos mirandeses na conservação da sua língua própria: Contudo, são escassas as reflexões sobre o papel que terá tido na preservação do mirandês o facto de, do outro lado da fronteira política, existirem variedades leonesas que gozaram de bastante vitalidade até começos do século XX, altura em que se terá acelerado o processo de substituição linguística das falas leonesas do ocidente de Zamora pelo idioma oficial, o espanhol. O contacto entre os dois lados da fronteira foi, desde sempre, muito intenso, tanto na raia seca, como na fronteira traçada pelo rio Douro, com a exceção dos períodos de guerra entre os dois Estados ibéricos.

O presente trabalho tem uma dupla finalidade:

- Por um lado, determinar quais as variedades linguísticas que, para além do português e o espanhol, estão em contacto com o mirandês. Neste sentido ocupar-nos-emos de duas variedades que partilham da mesma origem que o mirandês, pois são também variedades do asturo-leonês: o alistano, variedade asturo-leonesa falada na Comarca de Aliste na província de Zamora (Castela e Leão), que contacta com o mirandês ao longo da denominada raia seca; o saiaguês, variedade asturo-leonesa falada na Comarca de Sayago, em Zamora (Castela e Leão) que se estende no sentido norte-sul paralelamente ao rio Douro e confina com o mirandês que se fala aquém Douro.
- Por outro lado, analisaremos, através da bibliografia disponível sobre estas duas variedades, qual é o grau de vitalidade que estas têm na atualidade e quais os traços comuns entre elas e o mirandês.

Palavras-chave: Contacto linguístico, asturo-leonês, mirandês, saiaguês; alistano.

Emerson Carvalho de Souza

Universidade Federal de Roraima, Brasil

João Veloso

Universidade do Porto, Portugal

Aspectos do sistema vocálico do Shawã (Pano)

Este trabalho trata da descrição e análise da fonologia da língua Shawã, geneticamente pertencente à família linguística Pano. A língua Shawã é falada por um número reduzido de índios da etnia Shawã, repartidos pelas Terras Indígenas de Valparaíso, Bagé e Humaitá, nos municípios de Porto Walter e Marechal Thaumaturgo, no estado do Acre, Brasil. Essa língua corre sério risco de extinção, pois, além do já referido número exíguo de falantes, todos na faixa etária superior a 50 anos de idade, ela não está sendo ensinada às novas gerações, cuja população era de 106 indivíduos no ano de 2008 (ACRE 2013).

A fim de se conhecer a estrutura fonológica da língua Shawã antes do seu desaparecimento, foram realizadas pesquisas de campo para a coleta dos dados junto dos últimos falantes dessa língua, do que partimos para a elaboração do presente estudo. Este trabalho está dividido da seguinte forma: primeiramente estabeleceremos um inventário dos segmentos vocálicos identificados, apresentando uma análise acústica da realização fonética de alguns deles. Logo a seguir, descrevemos a estrutura silábica e analisaremos as regularidades da silabação e da ressilabificação nesta língua. Complementarmente, analisamos a estrutura métrica e o acento e identificaremos os principais constituintes prosódicos. Ao longo do trabalho também, verificaremos a forte influência da prosódia sobre o sistema vocálico e sobre a fonologia segmental do Shawã. Por fim, serão analisados alguns processos fonológicos e morfofonológicos identificados na língua. Dentre os processos fonológicos, destacamos os de lenização, abaixamento e alongamento vocálico, neutralização, inserção e assimilação (nasalização vocálica, retroflexão etc.). Quanto aos processos morfofonológicos, nós identificamos os processos de metátese e de inserção e, ao estudá-los, concluímos que a prosódia também exerce influência sobre a morfofonologia Shawã.

Para a análise estrutural da fonologia e da gramática desta língua, basear-nos-emos sobretudo no trabalho de Souza (2012), por sua vez informado pela teoria fonológica autosegmental proposta por autores como Clements (1985) e Clements & Hume (1995) entre outros.

Palavras-chave: Shawã; Línguas ameríndias; Pano; Morfofonologia; Processos fonológicos.

Isabel Sofia Calvário Correia Neuza Alexandra Marcelino Santana Rafaela Cota da Silva

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Duas línguas e duas interlínguas? Influência do português na Língua de Sinais Portuguesa

A Língua de Sinais/Gestual Portuguesa (LSP) é o idioma da comunidade surda. Esta língua reconhecida na Constituição da República Portuguesa, artigo 74º; alínea h) enquanto língua de ensino no processo aprendizagem de alunos surdos, carece ainda de descrição consistente apesar de haver alguns estudos clássicos nesse sentido (Amaral & Coutinho, 1994) e outros mais recentes (Correia, Custódio & Campos, 2019); (Correia, 2019); (Carmo, 2016); (Carmo, 2010).

Desde que o ensino de surdos foi estruturado a partir do Dec. Lei 3/2008, Portugal conta com uma rede de Escolas de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS). Assim, e como também está plasmado no Dec. Lei 54/2018, a língua de acesso ao currículo é a LSP e o português é aprendido como língua segunda. Esta metodologia tem permitido que o contacto com o português seja norteado pelo ensino explícito, algo que no passado não ocorria. Como veremos brevemente nesta nossa proposta, a LSP começou por ser uma língua proibida fomentando-se a aprendizagem da oralidade com métodos pouco ortodoxos. Hoje em dia, ambos os idiomas são utilizados e aprendidos por um número cada vez maior de pessoas. Por isso, parece pertinente perceber de que forma a língua maioritária influencia a língua minoritária, ainda que a primeira seja de modalidade oro-auditiva e seja aprendida na sua forma gráfica e a segunda visuomanual, e como isso se materializa na língua em uso. Questionaremos algumas premissas como a noção de léxico puro e, até, de identidade linguística, bem como observaremos a convivência de fenómenos de criação vocabular e rearranjo sintático tendo como referência algo que já é visível e descrito noutras línguas visuais.

Para podermos observar de forma breve a ocorrência de alguns destes fenómenos recorreremos à gravação de vídeos em que um grupo de 10 jovens surdos produz frases em LSP tendo apenas como motivação uma história com imagens. Desta forma, poderemos entender se é clara a influência do português e o nível de hesitações entre o uso de estruturas dos dois idiomas por estes jovens, fruto dessa educação bilingue.

Palavras-chave: Língua de Sinais Portuguesa; Interferência da língua portuguesa; línguas em contacto; comunidade Surda; Ensino Bilingue.

Lidia Gómez Martínez

Seminario de Sociolingüística, Real Academia Galega, Espanha

Os falantes funcionais en Galicia: entre a instrumentalización e o cambio lingüístico

Nos últimos anos, investigadores cataláns desenvolveron unha metodoloxía consistente na definición de grupos lingüísticos de falantes a partir dun índice de uso lingüístico (Sorolla e Vila, 2015 e Vila e Sorolla, 2017). O estudo *Lingua e Sociedade en Galicia. A evolución sociolingüística 1992-2013*, adaptou esta metodoloxía ó caso galego. Así, a partir do índice de uso oral do galego (IUL9), establecéronse seis grupos ou categorías de falantes segundo a procedencia do uso (é dicir, lingua dos proxenitores cando eran nenos) e as prácticas lingüísticas actuais. Un destes grupos é denominado como *Funcionais*, cun peso do 23,5%, que se caracteriza por facer un emprego mixto da lingua galega e a castelá. Este grupo, á súa vez, subdivídese segundo a orixe dos usos, é dicir, teríamos *funcionais de orixe galega* (15%), *funcionais de orixe castelá* (6,7%) e *funcionais doutras orixes* (1,8%).

No marco dun proxecto onde se estuda a mocidade galega desde diferentes ópticas metodolóxicas (técnicas autoinformes, técnicas experimentais, etnográficas a entrevistas en profundidade), esta comunicación ten como finalidade afondar no uso mixto das linguas que os falantes identificados como *funcionais*, os menos estudados no contexto galego, co obxectivo de discernir se os seus usos lingüísticos forman parte dun proceso de cambio ou responden, máis ben, a razóns instrumentais. Ademais, tratarase de establecer un perfil común ós entrevistados e entrevistadas, onde, a maiores de aspectos sociodemográficos, se recollan tanto os momentos de alternancia lingüística coma os motivos que os levan a facer o uso mixto das linguas que os caracteriza como falantes *funcionais*.

Palabras chave: grupos lingüísticos, falantes funcionais, usos lingüísticos, entrevistas en profundidade, cambio lingüístico.

Luís Fernando Pinto Salema Lurdes de Castro Moutinho

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal

Línguas em contacto: alguns contributos do português para a pronúncia do judeu-espanhol dos sefarditas de Tessalónica

O judeu-espanhol foi a principal língua falada pelos sefarditas, os descendentes dos judeus expulsos dos reinos de Castela e de Aragão, em 1492, e de Portugal, em 1496-1497. Obrigados a uma migração forçada, encontraram refúgio no Império Otomano, onde foram chegando, em sucessivos fluxos migratórios. Neste quadro, Tessalónica assumiu-se como um importante centro de acolhimento da diáspora dos judeus ibéricos.

A quase ausência de estudos relativamente ao falar dos judeus sefarditas portugueses, numa perspetiva linguística, é exígua sendo, por isso, uma das principais motivações para a realização deste estudo. Os contributos da língua portuguesa, quer como substrato, quer como adstrato do judeu-espanhol, têm sido estudados sobretudo no estrangeiro, nomeadamente por Aldina Quintana, que, desde 2005, tem publicado vários trabalhos sobre a geografia linguística do judeu-espanhol, numa perspetiva do contacto entre línguas.

Nesta comunicação, faremos uma abordagem centrada nas questões ligadas à fonologia e à fonética do judeu-espanhol e naquilo de que ele é subsidiário do português, procurando sistematizar alguns contributos desta língua para a pronúncia do judeu-espanhol, resultantes do contacto entre línguas, na cidade de Tessalónica.

Procuraremos encontrar a resposta para três questões fundamentais: i) Quais as principais influências do português, na pronúncia do judeu-espanhol de Tessalónica? ii) Como ocorreu o contacto entre as línguas? iii) Que circunstâncias favoreceram esse contacto?

As conclusões apontam para a existência de influências do português no sistema de sibilantes, ao nível da pronúncia da consoante fricativa [f] inicial e na integração fonética de vocábulos. As migrações e o contacto entre vários dialetos, simultaneamente inteligíveis, permitiu a criação de uma língua de fusão, com um substrato múltiplo, baseado no português e no espanhol, num contexto histórico e sociolinguístico de elevada complexidade.

Produto de um *continuum* interdialetoal, esta língua minoritária, profundamente ameaçada, constitui, atualmente, como no passado, um importante fator de identidade das comunidades sefarditas, hoje pulverizadas por espaços que já não correspondem ao da sua primitiva geografia linguística.

Palavras-chave: fonética, judeu-espanhol, línguas em contacto, migrações, português.

María Álvarez de la Granja

Instituto da Lingua Galega, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

Análise da flexión verbal en textos de estudantes galegos

Algúns traballos publicados nos últimos anos (por exemplo, Silva Valdivia 2006, 2010) mostran as dificultades que ten unha boa parte dos estudantes de Galicia á hora de escribir na variedade estándar do galego, destacando a presenza de numerosas transferencias do castelán nas súas producións (Silva Domínguez 2003), o que se corresponde, por outro lado cun fenómeno xeral na lingua galega, resultado dun longo período de contacto co español (Dubert 2005).

O obxectivo desta comunicación é analizar a presenza de formas non estándares na conxugación verbal galega no *Corpus de textos galegos escritos por estudantes no ámbito académico* (CORTEGAL) que se está a desenvolver no Instituto da Lingua Galega da Universidade de Santiago de Compostela (Álvarez de la Granja 2018). Este corpus estará conformado por un conxunto de 1000 redaccións escritas por estudantes de segundo de Bacharelato de Galicia, no marco do exame de Lingua e Literatura Galegas da proba de Avaliación do Bacharelato para o acceso á Universidade do curso 2016-2017.

Seleccionaremos unha serie de formas verbais, tanto irregulares como regulares, e estudaremos as diferentes realizacións encontradas. Centrarémonos esencialmente en formas verbais diferenciais con respecto ao castelán no código normativo do galego, co obxectivo de avaliar a posible influencia desta lingua na conxugación verbal do galego rexistrada no corpus, sen perder de vista o feito de que moitas das formas coincidentes co castelán son habituais no galego popular, ben sexa por transferencia desde o español, ben sexa por xeración directa no galego. Nesta análise, cando sexa posible, incluiremos unha comparativa entre a distribución dialectal das formas no galego popular e a procedencia xeográfica do alumnado que as ofrece. Para a selección das formas investigadas botaremos man, entre outras fontes, da información recollida en Fernández Rei (1990) así como no *Atlas Lingüístico Galego* (volume I *Morfoloxía* verbal, 1990).

Palabras chave: flexión verbal, contacto, variedade estándar, galego, castelán.

Miroslav Valeš

Universidad Técnica de Liberec, República Checa

La influencia del español en la variación léxica de A Fala

A Fala es un idioma hablado en tres pueblos: Valverde del Fresno, Eljas y San Martín de Trevejo, en la Extremadura española en la frontera de España y Portugal. Se trata de una lengua románica de la rama iberorromance cuyo origen y clasificación no han sido aclarados de manera satisfactoria hasta ahora. Como es una lengua viva, está naturalmente sujeta a variación diacrónica. La presentación se centra en la variación a nivel léxico, discutiendo en qué medida es un proceso natural, inherente al idioma, y en qué medida está influido por el español como lengua dominante. El concepto clave a este respecto es el castellanismo, una palabra que vino a esta lengua del español. La evolución de A Fala a nivel léxico es notable y además documentada en varios estudios (por ejemplo Dondelewski 2019), sin embargo, este proceso es bastante complejo y podemos identificar como mínimo tres razones principales para los cambios. La primera razón puede verse como un proceso natural, las tecnologías han cambiado y muchas palabras desaparecen porque el objeto o la actividad que denominaba ya no se usa o no se realiza. Lo opuesto a esta situación es la necesidad de denominar nuevas realidades, en este caso A Fala generalmente toma préstamos del español. La tercera situación es el proceso de variación y cambio, cuando la unidad léxica española comienza a competir con una palabra existente en A Fala, posiblemente creando un nuevo castellanismo. Estos castellanismos pueden ser de varios tipos, modificando la palabra original solo parcialmente o reemplazándola por completo.

Palabras clave: A Fala, variación léxica, castellanismo, variación y cambio, préstamo.

Paulo Osório

UBI; LabCom.IFP/UBI; CLLC – UA, Portugal

António Cassange

FLUAN, Angola

*Português e Kimbundu:
história e variação lexical*

Refletir acerca do contacto linguístico entre o português e as diferentes línguas nacionais em Angola implica, necessariamente, uma incursão pela história da implantação da língua portuguesa no território angolano, bem como uma caracterização geo e sociolinguística de Angola. Tratando-se de um país com um quadro linguístico complexo, diríamos que se trata de um território plurilingue e multicultural (Ferreira e Osório, 2018) e, por isso, pretendemos analisar, neste estudo, as relações de contacto entre o português e o kimbundu, observando-se, fundamentalmente, a existência de uma influência recíproca entre as duas línguas (Cassange, 2016; António e Osório, 2018).

A nossa reflexão incidirá apenas em questões de variação lexical, nomeadamente através da análise de neologismos de base angolana, muitos deles influenciados pelo padrão do Português Europeu. Exploraremos, igualmente, alguns vocábulos do kimbundu enquanto formas distintas em relação à norma europeia do português, motivando, assim, a existência de duas gramáticas distintas (português e kimbundu). Indicaremos, igualmente, as variantes lexicais existentes na gramática do kimbundu (Cassange, 2016).

Norteiam a nossa investigação três objetivos fundamentais: (i) catalogar os vocábulos da língua kimbundu pertencentes à língua portuguesa; (ii) identificar os vocábulos reciprocamente cedidos e (iii) analisar o valor semântico (desses vocábulos) adquirido na língua de entrada. Na verdade, a convivência das duas línguas tem como efeito imediato o fenómeno de “reciprocidade linguística” (Cassange, 2016): observam-se, não raro, muitas formas verbais similares às do Português Europeu, mas com os radicais do kimbundu (*zungar*, *maguelar*, *caxibacar*, *xaxatar*, entre outros), verificando-se uma situação semelhante com os nomes e adjetivos - *zungueiro*, *kaxibacador*, *maguelador*.

O nosso estudo apresentará, ainda, algumas considerações sociolinguísticas provenientes da aplicação de um inquérito a falantes da língua kimbundu (maioritariamente, em Malange), permitindo-nos concluir que o kimbundu é pouco utilizado, em virtude de ser considerada, pelos autóctones, uma língua de desprestígio social e linguístico face ao português (Cassange, 2016).

Palavras-chave: variação; contacto linguístico; português; kimbundu; léxico.

Tamara Flores Pérez

Universidade de Aveiro, Portugal

Caracterización sociolingüística de A Fala do val de Xálima

A Fala do val de Xálima ha sido objeto de estudio desde principios del siglo XX hasta nuestros días por diferentes autores, principalmente de la península ibérica, como Leite de Vasconcelos, Clarinda de Azevedo Maia, Lindley Cintra, Costas González, Carrasco González, Fernández Rei o Gargallo Gil, entre otros. Un acercamiento a la bibliografía sobre la *Fala* evidencia que dicha realidad lingüística ha sido abordada principalmente desde una perspectiva diacrónica, siendo los más abundantes los estudios dedicados a esclarecer el origen de esta variedad (o variedades: *lagarteiru*, *mañegu* y *valverdeiru*) y, consecuentemente, su adscripción lingüística a una u otra determinada familia de las lenguas iberorromances (al tronco galaico-portugués o al astur-leonés); si bien está comúnmente aceptada la adscripción de la *Fala* a la familia galaico-portuguesa.

A pesar de su adscripción lingüística, existe un notable desconocimiento sobre dicha realidad en el contexto académico portugués, por lo que en nuestra presentación pretendemos ofrecer una panorámica general de esta lengua, centrándonos en su situación actual y sus necesidades futuras. Para ello llevaremos a cabo una caracterización sociolingüística en sentido amplio, la cual se puede sintetizar en el contraste existente entre una progresiva castellanización (derivada de la situación de convivencia diglósica con la lengua mayoritaria) y la vitalidad de estas variedades, cuyo uso no se restringe al ámbito familiar y cuyo porcentaje de hablantes es el más alto de las lenguas minoritarias de la península. De cara al futuro y a combatir el preocupante proceso de hibridación con el castellano, analizaremos la necesidad de aplicar una política y planificación lingüísticas efectivas.

Palabras clave: A Fala, sociolingüística, contacto lingüístico, diglosia, política y planificación lingüísticas.

O Falar Raiano de Marvão/ Valencia de Alcántara

Como as especificidades do espaço e das suas gentes condicionam decisivamente as características da linguagem, inicialmente é caracterizado o espaço onde o falar raiano constitui uma marca identitária, Marvão, no Nordeste Alentejano, e Valencia de Alcántara, na Extremadura Espanhola.

No panorama dialetal português, este falar raiano está integrado nos dialetos portugueses centro-meridionais, mais especificamente na variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo e apresenta a maior parte das características identificadas pelos linguistas do século XX sobre esta região dialetal, demarcando-se, contudo, por algumas particularidades fonético-fonológicas e lexicais.

Segue-se a apresentação das principais características fonético-fonológicas, morfossintáticas e léxico-semânticas desta variedade linguística. Estamos perante um falar raiano muito marcado pela palatalização de diferentes vogais e por uma nasalização muito vincada. Usam-se algumas formas arcaicas nos demonstrativos e na conjugação verbal e é frequente recorrer a diminutivos ou aumentativos, assim como a metáforas ou comparações para expressar a superlativação dos adjetivos. Muitos verbos são substituídos por expressões idiomáticas, o que contribui para uma maior riqueza lexical e representa uma marca distintiva relativamente às variedades geográficas circundantes. De notar que muito do vocabulário usado nesta região apresenta alterações semânticas relativamente à norma.

Havendo um desfasamento entre as fronteiras linguísticas e as fronteiras políticas, são apresentadas as diferentes áreas geolinguísticas existentes no concelho de Marvão e na raia espanhola, bem como alguns motivos da sua especificidade.

Para além da variação geográfica, pretende-se ainda dar a conhecer brevemente a influência das variações diacrónica, sociocultural e diafásica neste falar raiano, procurando compreender como tem evoluído e qual a sua vitalidade.

Finalmente, é feito um balanço do trabalho já realizado com vista à salvaguarda deste património imaterial e são elencadas outras formas de contrariar a tendência para a padronização desta variedade linguística da raia de Marvão/ Valencia de Alcántara.

Palavras-chave: variação linguística, falares de raia, património imaterial, Marvão, Valencia de Alcántara.

Resumos

Pósteres

Isabel Sofia Calvário Correia Rui Pedro Santos de Oliveira Joana Rita Silva Conde e Sousa

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Como dura o tempo. Expressões com valor aspectual em Língua de Sinais Portuguesa

A Língua de Sinais Portuguesa (LSP) é o idioma da comunidade surda portuguesa, sendo o veículo de comunicação e expressão cultural dessa minoria linguística. Esta língua, reconhecida na constituição da República Portuguesa, artigo 74^a, alínea h), como língua de ensino da comunidade surda, ainda não tem reconhecimento oficial, sendo os estudos linguísticos em seu torno ainda escassos. Apesar de haver já algumas publicações que ilustram pesquisas atuais (Campos, R.; Correia, I.; Custódio, P [coord], 2019; Correia, I. 20019; Carmo, H. 2016; Carmo, P.; 2010) a descrição gramatical, sobretudo no que diz respeito à classe verbal e à materialização do tempo e aspeto verbal, carece de estudos sistemáticos. Todavia, o valor aspectual verbal é muito produtivo nas línguas visuais, sendo, muitas vezes, formalmente mais evidente que nas línguas orais (Rathman, 2005)

Nesta nossa proposta, pretendemos descrever, de forma sucinta descrever a materialização linguística do aspeto durativo em algumas expressões verbais e expressões temporais em Língua Gestual/de Sinais Portuguesa. Assumimos uma perspetiva diacrónica, mostrando registos por licitação temática- foram pedidas expressões de tempo, sem especificar- executados por um informante idoso. Posteriormente, também a partir de licitação pediremos a um grupo de informantes, de faixa etária entre os 18 e os 25 anos, nativos, estudantes no ensino superior, que apliquem em frases os vocábulos que materializam o aspeto durativo acima referido.

É nosso propósito agrupar as expressões de duração temporal em classes e verificar se ainda são produtivas no uso da língua atual ou, se pelo contrário, são desconhecidas e substituídas por outras ou por mecanismos equivalentes.

Palavras-chave: Língua de Sinais Portuguesa; Aspecto verbal; expressões de tempo em LSP; Línguas gestuais/sinais; comunidade Surda.

Lurdes de Castro Moutinho

Alberto Gómez Bautista

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal

*Acerca da variação prosódica
em língua mirandesa*

O mirandês é uma língua românica do grupo asturo-leonês, aparentada com o leonês e o asturiano. Apesar do pequeno tamanho do território em que esta língua é falada, cerca de 550 km², observa-se uma considerável variação linguística, assistindo-se a um fenómeno de diglossia na qual a língua está imersa há séculos. No entanto, em 1999, foi publicada uma convenção ortográfica que deu ao idioma alguma consistência e unidade ortográfica, que culminaria no reconhecimento dessa língua, como uma língua falada em Portugal, num contexto geográfico bem preciso, o nordeste transmontano, conhecido pelo planalto mirandês.

Não havendo estudos no domínio da geoprosódia e tratando-se de uma língua românica, embora minoritária, no final de 2015, resolvemos integrá-la no Projeto AMPER, passando a designar esse estudo de AMPER-MIR, estudo da prosódia do mirandês. Foi ainda nesse ano que procedemos às primeiras recolhas, depois de adaptado, para a língua mirandesa, o corpus do português continental.

As primeiras gravações foram realizadas em Sendim, São Pedro da Silva, Paradela, Cicouro e Espéciosa, com o objetivo de incluir as diferentes variedades faladas nas terras de miranda. Já em 2019 se procedeu a novas recolhas, aumentando, não só o número de pontos de recolha, como também o número de informantes por ponto.

Seguimos a metodologia do projeto AMPER (veja mais informações sobre este projeto em <http://www.varialing.eu/>), de modo a permitir a comparação dos resultados da análise com os resultados obtidos para outras línguas românicas. Neste momento, já analisámos uma pequena parte dos dados coletados nos locais acima referidos, acrescentando, agora, outras análises e de cujos resultados aqui daremos conta.

Apenas apresentaremos resultados relativos aos enunciados interrogativos, contando, em próximos trabalhos, incluir as frases declarativas.

Palavras-chave: mirandês, prosódia, línguas minoritárias, contacto de línguas, AMPER.

Matthew Stephen Stuckwisch

Universidade de Tennessee, EUA

Corrector ortográfico e córpus linguístico: matar dois coelhos com uma só cajadada

O que faz falta no estudo das línguas minoritárias é muito. Uma das ferramentas mais importantes para o estudo de idiomas é o *corpus*. Embora seja bastante fácil hoje preparar um *corpus* básico, é bastante mais difícil criar um *corpus* etiquetado para a pesquisa de estruturas mais gerais, porque é preciso etiquetar as palavras nele introduzidas. Ao mesmo tempo, essas línguas também soem estar num estado variável de normalização e estandarização, e elas e os seus falantes poderiam beneficiar-se de um corrector ortográfico. Proponho que por mor de economia de recursos, é recomendável que quem quiser desenvolver um *corpus* também pense em fazer um corrector já que o trabalho para ambas tarefas é muito parecido, senão quase idêntico.

Por exemplo, MySpell e Hunspell, motores de correcção comuns nos sistemas informáticos, trabalham através da desflexão das palavras. Adjuntando informação de concordância às flexões (por exemplo, que *-amos* é 1.^a pl. do indicativo para os verbos da primeira conjugação, é do conjuntivo para os da segunda ou terceira) e às palavras base (que *nadar* é verbo regular da primeira conjugação) permite que no processo de verificar a ortografia seja possível também etiquetar a palavra para introduzi-la num córpus.

Demonstro este processo empregando o asturiano como exemplo. Para o seu *corpus*, o asturiano actualmente tem Eslema, desenvolvido na Universidá d'Uviéu. Na actualidade, é difícil usá-lo para pesquisas sobre o neutro, mas com o trabalho já feito para o corrector de ortografia que realizei, exponho uma pesquisa básica com etiquetas para rapidamente encontrar grupos sintácticos do tipo substantivo-adjectivo e que não seria difícil integrar em *corpus* como Eslema.

Palavras-chave: asturiano, córpus, normalização, ortografia.



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis